

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia** / Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. – 6. Ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 132 p.

Cláudio Roberto Farias PASSOS<sup>1</sup>

Em *Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, Milton Santos, faz “uma continuação de *Por uma Geografia Nova*” cuja primeira edição foi publicada pela editora Hucitec em 1978. Em *Metamorfose do Espaço Habitado*, Santos busca correlacionar alguns temas que despertam ou apuram o entendimento dos leitores auxiliando-nos em releituras dos aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a Ciência Geográfica. Perpassa por nove capítulos “A redescoberta e a remodelagem do planeta no período técnico científico e os novos papéis da ciência; A renovação de uma disciplina ameaçada; Metamorfose do espaço habitado; Categorias tradicionais, categorias atuais; Paisagem e espaço; Configuração territorial e espaço; Do físico ao humano, do natural ao artificial, Geografia física, Geografia Humana; A natureza e suas próteses; O espaço e o movimento das contradições”. A conclusão realiza-se com “Geografia geral (não determinista) e Geografia regional” e “Da teoria à prática”, todos os capítulos oferecem ideias sobre temáticas atuais envolvendo, por exemplo, Globalização, População, Paisagem e Divisão do Trabalho, aspectos esses que compõem o espaço geográfico.

No capítulo 1, Santos defende que a ciência geográfica tem um “papel particular” a desenvolver nos múltiplos aspectos do período atual em função desta ser uma ciência do espaço do homem. E o período vivenciado pode ser caracterizado como de universalização da produção, inclusive agrícola, e dos processos produtivos e de *marketing* que influencia as trocas de mercadorias, o mercado; repercute na moralidade da sociedade que gira em torno do capital imputando ao homem uma alienação total. O autor indaga se essa mundialização é completa e cita autores, V. Navarro, 1982; A. Bergensen, 1980, que argumentaram existir uma “mundialização das classes sociais” padronizando culturas, desfazendo heranças culturais históricas e tem o Estado como agente ativo neste processo. O Estado serve como porta de entrada e ou barreira para as influências externas, todavia, não induz uma mundialização completa das estruturas de uma Nação, sendo a Globalização responsável por realizar dita mundialização, termos que o autor ao longo do texto deixa transparecer serem sinônimos.

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [cbetopassos@yahoo.com.br](mailto:cbetopassos@yahoo.com.br).

A mundialização proporcionou o surgimento de um *Período Técnico Científico* lastreado pelo capitalismo tecnológico ou como denominado por H. Lefebvre (1971) de sociedade tecnológica. Esse período, científico, é responsável pela ‘transformação total dos fundamentos da vida humana’, pena, segundo Santos, o casamento da ciência e a técnica nada mais conta que a busca desenfreada pelo lucro onde quer que as condições permitam. Santos lança ideia crítica sobre o contexto, mensurada na seguinte citação:

Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos, e renuncia a toda vocação de servir à sociedade. Trata-se de um saber instrumentalizado, em que a metodologia substitui o método (p. 22).

A crítica é estendida às ciências sociais, entre elas a geografia, que pecam pelo excesso de especialização e perda de “ambição” de universalidade. De acordo com Santos, cabe à geografia um ponto fraco, de não possuir objeto de análise claramente definido. Também, quando se relaciona ciência e técnica, recai sobre a geografia a inexistência de um conjunto de referências mais solidificado; mesmo tendo papel de relevância na reorganização do espaço e da sociedade tanto local como mundial. Incide a necessidade de sua renovação.

Santos discorre sobre renovação da geografia, capítulo 2, decorrência de sua sucumbência às “aliciantes demandas do mundo da produção” por sua especialização exagerada. Cita Max Sorre que em 1957 alertava para uma ‘ameaça de desmembramento’, como também, M. E. Eliot-Hurst, para quem a disciplina era moribunda, mais ameaçada por ela própria do que por disciplinas vizinhas. As diversas concepções do espaço geográfico ou espaço social conduzindo investigações deram causa aos alertas dos eminentes geógrafos do século XX. Assim Santos discorreu que existia uma ambiguidade, com efeito, era preciso transformar em apenas um o que transparecia ser duplo problema; a solução passava pela definição do espaço da geografia e seus limites. E cita outros expressivos geógrafos que compartilham semelhante preocupação:

A questão complica-se quando admitimos, com o mesmo R. J. Johnston (1980), que existem tantas geografias quantos geógrafos ou quando reconhecemos, com H. Lefebvre (1974, p. 15), que ‘os escritos especializados informam seus leitores sobre todos os tipos de espaços precisamente especializados [...] haveria uma multiplicidade indefinida de espaços: geográficos, econômicos, demográficos, sociológicos, ecológicos, comerciais, nacionais, continentais, mundiais (p. 28).

De modo que, para obter papel específico e útil, a geografia precisava de um campo de trabalho particular, bem como seu conjunto de conceitos e encontrar categorias de análise que possibilitem o conhecimento sistemático de seus elementos constituintes. Elege-se o espaço como categoria de análise para suprir as lacunas descritas, ocorre o que se pode chamar de “maturidade histórica, ou seja, o conjunto dos novos dados que a história do mundo impõe à

disciplina”. O campo de interesse se amplia, pois, o espaço geográfico se torna elemento fundamental na aventura humana e a mundialização do espaço favorece as condições – que foram outrora insuficientes – para estabelecer um corpo conceitual de referências epistemológicas as quais respondem questões do campo de estudo da geografia e apontam caminhos para compreender a dinâmica dos espaços habitados pelo homem.

É no capítulo 3, que Santos se debruça sobre as questões do espaço habitado. Para ele o fenômeno humano é dinâmico materializado pela transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado e argumenta que:

A questão do espaço habitado pode ser abordada, segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência. Podemos assim acompanhar a maneira como a raça humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar) (p.41-42).

Santos, destaca que, ao longo da história das civilizações os espaços escolhidos pelo homem para fixar moradia foram influenciados pela oferta de espécies vegetais e animais. O traslado da população mundial diminuiu paralelamente ao risco de fome, resultante de safras desastrosas; o espaço habitado foi se definindo de maneira heterogênea na Europa, Ásia, Américas e África. Todavia, a marca semelhante em todo o planeta é o fator Urbanização responsável pela impulsão da população e sua concentração em cidades, as quais surgiram graças ao avanço de técnicas de produção agrícola que proporcionaram a formação de excedentes de alimentos.

O quarto capítulo ainda versa sobre a dinâmica populacional tendo como palco duas categorias o território e a região. Para Santos “estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição”. Ele elege a região como importante categoria de análise, pois, através de seu estudo é possível captar a maneira como semelhantes formas de produzir ocorrem em parcelas específicas do planeta, acarretando a organização do território de maneira diversa. Ainda, esse mesmo capítulo traz reflexões sobre os circuitos espaciais de produção, a relação cidade e campo, como também a ideia de totalidade, imprescindível para a compreensão das relações discutidas.

O tema Paisagem e Espaço são tratados no capítulo 5. O *espaço* é resultado da soma de sínteses, sempre se refazendo, da paisagem com a sociedade e seus atores. Já a *paisagem* é a materialização de determinado instante da sociedade, “conjunto de objetos que nosso corpo alcança”, a realidade de homens fixos, semelhantes a uma fotografia. Ela durante algum tempo

foi objeto de estudo da geografia, Max Sorre “grande mestre francês” defendia que os geógrafos deveriam utilizar em suas descrições “a noção capital de complexo geográfico local, cuja expressão concreta é a paisagem” (p. 69). Santos relembra que a paisagem foi tida para muitos como sinônimo de região, em tempos remotos. Essa ideia persistiu entre geógrafos europeus até o fim do século passado e corroborando com essa ideia tem-se como exemplo a teoria de Vidal de La Blache denominada ‘gênero de vida’. Essa teoria concebeu o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície, que em cada lugar se adaptou ao meio que o envolvia desenvolvendo técnicas e costumes e construindo relação com os recursos naturais; logo, o homem moldou a personalidade de cada região constituindo uma evolução social. A técnica possibilitou o excedente de alimentos que fomentou nova configuração dos territórios e transformando a paisagem dos espaços habitados.

O capítulo 6 apresenta paralelo entre Configuração Territorial e a Paisagem. Essa, conceituada no capítulo 5. A configuração territorial, conforme Santos, é entendida como um conjunto total, integral, de todas as coisas que completam a natureza visivelmente; possibilita o surgimento de espaços diferenciados originando os *Fixos* (agências de correios, escolas, hospitais, fábricas), alcançadas através de seus *Fluxos* (movimento, circulação, distribuição e consumo) compondo o espaço.

No capítulo 7, Santos faz algumas reflexões sobre a divisão da geografia em física e humana, destacando que o homem – a presença do homem na terra muda todo o sistema mundo – é ator precípua dos estudos de “nossa ciência”, suas alterações na paisagem, as técnicas que emprega e a realização de seu trabalho na superfície. “Toda ação humana é trabalho, e todo trabalho é trabalho geográfico. Não há produção que não seja produção no espaço”. O homem é sujeito e a Terra um objeto, sendo assim, não deveria haver espaço para “falarmos” em geografia física já que essa é um conjunto de objetos naturais que permitem a ação do homem que transformou em ecúmeno toda a superfície da Terra. Logo, por que a divisão da geografia em física e humana?

O capítulo 8 apresenta teorização sobre “o espaço e o movimento das contradições”. Santos trata sobre o entendimento de situações geográficas em um lugar ao longo do tempo. O lugar é constituído pela ação de diversos elementos, variáveis, que mudaram de significado com o passar do tempo “o que hoje parece como resultado, é também um processo” que amanhã poderá tornar-se outra situação (p. 103).

O capítulo 9 é formado por aspectos da Geografia Geral, a qual segundo Santos, para ser acreditada, não deve ser entendida como desejosa de apresentar relações contínuas de causa e efeito entre os fenômenos. Outro ponto de vista recai sobre a Geografia Regional “que se propõe reconhecer e estudar os diferentes domínios, meios ou regiões que as combinações físicas,

biológicas e humanas têm feito aparecer na superfície do planeta”. Santos argumenta que não deve ser preocupação dos geógrafos classificar os fatos geográficos por fórmulas prontas e definidas, mas, ao contrário, deve-se estudar os fenômenos em escala macro (planetária). E também, mesmo que existam divergências conceituais os geógrafos parecem estar de acordo em um ponto: a disciplina, geografia, deve preocupar-se com as realizações dos grupos humanos sobre o planeta.

Por fim, o capítulo denominado “Da Teoria à Prática”. Aqui, Santos retoma a definição do espaço atrelando-o a configuração territorial e a dinâmica social. Esta é formada pelo conjunto de variáveis econômicas, culturais e políticas que juntas dão suporte a rede urbana (fundamental na organização do espaço) porque assegura a integração entre fixos e fluxos, isto é, a configuração entre o território e as relações sociais.

### **Considerações finais sobre a obra**

A análise de determinada situação deverá ser feita de maneira ampla e irrestrita. A obra *Metamorfose do Espaço Habitado*, escrita por Milton Santos em 1988 (1ª edição) aponta caminhos para o entendimento de inúmeras questões intrínsecas ao objeto de estudo da geografia, mesmo que alguns tópicos ao longo do livro pareçam estar deslocados em relação aos demais.